

ESCRITAS E LEITURAS DE MIM: UMA REFLEXÃO ACERCA DA EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO A PARTIR DA MINHA AUTOBIOGRAFIA

ELDER LUAN DOS SANTOS SILVA*

Resumo: Este trabalho é uma reflexão teórica e descritiva, baseada na literatura nacional e na escrita autobiográfica, acerca de como o armário gay atua como um aparelho que regula e molda o comportamento de Gays na sociedade atual, mais especificamente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na tentativa de compreender como a sexualidade interfere diretamente na permanência, afiliação e êxito acadêmico de estudantes universitários. Para tal, utilizarei como objeto de análise e reflexão a minha trajetória pessoal de vida e formação, (auto)biografada e embasada teoricamente no conceito de “Epistemologia do Armário” desenvolvido por Eve Kosofsky Sedgwick. No intuito de compreender, como o “armário” descrito por Sedgwick, moldou, regulou e transformou as relações afetivas, sexuais e de gênero minhas e dos meus pares desde a minha infância até o meu acesso e permanência, na universidade e demonstrar que a autobiografia, além de ser uma escrita e leitura de si mesmo, pode vim a ser um mecanismo de contestação, luta política e produção memorialística, não só da sua história pessoal, como também da história e dos marcadores sociais do seu tempo vivido e escrito.

Palavras-chave: ACESSO; PERMANÊNCIA; HOMOSSEXUALIDADE; HOMOFOBIA.

Resumen: El presente trabajo es una reflexión descriptivo y teórico, basado en la literatura nacional y la escritura autobiográfica, acerca de cómo los homosexuales actos armario como un dispositivo que regula y da forma al comportamiento de gays en la sociedad actual, más específicamente de la Universidad Federal de Reconcavo Bahía, en un intento de entender cómo la sexualidad afecta directamente a la residencia, afiliación y el éxito académico de los estudiantes universitarios. Para ello, voy a utilizar como objeto de análisis y reflexión de mi

Artigo recebido em 25 de Agosto de 2014 e aceito para publicação em 09 de Novembro de 2014.

* Mestrando do programa de pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia, bolsista Fapesb.

viaje de la vida personal y la formación, (auto) biografiado y teóricamente fundamentada en el concepto de "Epistemología del armario" de Eve Sedgwick Kosofsky desarrollado. Con el fin de entender cómo el "armario", descrito por Segwick, forma, regula y transforma la emocional, sexual y de género de mis compañeros y mis relaciones desde mi infancia hasta mi acceso y la permanencia, la universidad y demostrar que la autobiografía, además de ser una escritura y la lectura en sí, puede llegar a ser un mecanismo de defensa, y memorias lucha política de producción, no sólo de su historia personal, sino también la historia y sociales marcadores de su tiempo vivido y escrito.

Palabras-clave: ACCESO; STAY; HOMOSEXUALIDAD; HOMOFOBIA.

Introdução

Ultimamente, tem se fortalecido no meio acadêmico os estudos memorialísticos que levam em conta a perspectiva epistemológica da História de Vida. Segundo Cattani (2000), a História de Vida coaduna os acontecimentos que marcaram a existência dos indivíduos ou de um determinado sujeito. Para ele, o ato de contar as histórias de nossa vida estará sempre ligado a acontecimentos-chaves, onde o indivíduo, através de si mesmo, define o seu lugar social e as suas relações sociais, econômicas e afetivas com os outros a sua volta (CATTANI, 2000).

Ao se definir e definir a sua trajetória, automaticamente o indivíduo está definindo a sociedade em que vive, os seus marcadores e as diversas formas de viver e existir. Segundo Jesus (2010), *“a memória é construída tanto individual quanto socialmente, sendo, portanto, fonte de ressignificação, pois traz as convivências, as interações que nos permitiram ser o que nós somos, ser o que nos tornamos, mostra-nos os elos sociais e também as dissociações que foram realizadas”*².

Fazer essa opção, de trabalhar com histórias de vida, com o vivido e narrado pelos sujeitos no campo dos atos formativos é legitimar o direito do sujeito-pesquisador de escrever em primeira pessoa, tornando-se autor de si mesmo, das suas vivências e do sentido da sua existência, contribuindo assim para que os mesmos sejam objetos e sujeitos de suas próprias narrativas (JESUS, 2010).

Esse saber adquirido através da narrativa das trajetórias de vidas está presente, mesmo que clandestinamente, nas conjecturas ocultas dos seus discursos e vivências, podendo ser a

² JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. História de vida e formação. In: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. *Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais*. Curitiba: Progressiva, 2010, p. 18.

prova do nosso conhecimento, mesmo que, essas experiências e esses saberes acumulados entre o decorrer da vida dos sujeitos, sejam negados nos espaços formais de educação, inclusive no espaço acadêmico e universitário. Muitas vezes, o estudante é tratado como uma tábua rasa, uma caixa vazia, que está ali para ser preenchido dos conhecimentos científicos, detidos pela figura do professor.

Entretanto, uma nova leva de estudos, tendo como referências aqueles publicados nas coleções do Observatório da Vida Estudantil, organizados por Santos e Sampaio (2009), se debruça sobre as trajetórias de vida de estudantes de origem popular. Trata-se de um empreendimento historiográfico que investiga o processo de formação desses indivíduos sob a perspectiva dos ensinamentos adquiridos ao longo de sua vida, relevando aquilo que foi apreendido a partir de suas vivências e experiências, e as contribuições destas para formar socialmente e culturalmente esses sujeitos.

Nesse sentido, diversos pesquisadores como Nóvoa, Dominicé, Goodson, Josso, Cattani, Canetti, dentre outros, começam a defender que o uso das trajetórias de vida pessoais e coletivas e os relatos autobiográficos possibilitam enxergar tanto o indivíduo quanto a sua história, o seu tempo, as suas relações e a sociedade em que mesmo vivia, podendo assim explicar as suas escolhas e os diversos processos vividos, tanto no campo individual, quanto formativo.

A história de vida pode se configurar, portanto, em uma análise do processo de formação profissional, que tem ênfase nos aspectos da inserção social e cultural da pedagogia e da educação. Compondo, outrossim, um conjunto das representações sobre o mundo social, o ideário que as pessoas admitiram para estabelecer relações em sociedade. Não se trata apenas de entrar em contato com o que a vida ensina, mas com aquilo que se aprende através das experiências que são vivenciadas e/ou desperdiçadas, considerando que elas têm uma maior possibilidade de terem sido geradas, escolhidas ou preteridas, para serem contadas pelos próprios indivíduos em formação, o que potencializa o seu poder de formação³.

Sob essas reflexões, volto-me à a escrita da minha trajetória de vida e formação, para então perceber que a oposição entre o público e o privado pautou tantas as minhas, quanto a maioria das relações daqueles que viviam na mesma época e espaço que eu. O público, sendo todas as práticas aceitas e *heteronormatizadas* pela sociedade, e o privado aquilo que era só meu, ofuscado nas entranhas dos meus desejos sexuais, não aceitos, não legitimados e

³ JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. “História de vida e formação”. In: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. *Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais*. Curitiba: Progressiva, 2010, p. 26

marginalizados por uma sociedade que descaracteriza e deslegitima os indivíduos que não cumprem o seu suposto papel determinado pelo sexo biológico.

A trajetória do indivíduo estará sempre intercalada com as trajetórias dos seus pares, da sua comunidade e sociedade que está a sua volta. É nesse sentido, que ao falar do trânsito das sexualidades, e das diversas possibilidades de ir e voltar no campo dos desejos, que Guacira Lopes Louro (2008) diz, em seu livro “Um Corpo Estranho”, que o efeito das experiências pessoais, ou mesmos os trânsitos sexuais, afetam não somente o indivíduo que subverteu a norma, mas também todo grupo social que presencie e, mesmo que indiretamente, contribui para a transgressão.

Nesse sentido, por acreditar que a trajetória de vida de um determinado indivíduo não se limita somente as suas experiências pessoais, e por saber que os trânsitos da minha sexualidade pautaram tanto as minhas experiências, quanto a maioria das relações daqueles que viviam na mesma época e espaço que eu, é que opto por uma reflexão que se baseia em uma autobiografia. Ademais, assim como salienta Nascimento (2010), optar por uma reflexão autobiográfica, é também:

Reforçar o posicionamento de que o pesquisador não está fora da situação pesquisada, de que os olhares intencionais, que recortam temas, constroem conexões, produzem questões para estudos, escondem/revelam permanentes imagens relacionadas à sua história de vida, experiência pessoal/profissional, dentre outros aspectos relativos aos diversos níveis de implicação.⁴

Diante disso, é que este trabalho tende a ser uma reflexão teórica, descritiva e autobiográfica, que se baseia, tanto na literatura nacional quanto na minha autobiografia publicada no livro “Currículo, Formação e Universidade: autobiografias, permanência e êxito acadêmico de estudantes de origem popular”, refletindo sobre as diversas formas que o armário gay, conceito formulado por Sedgwick (2007), atua como um aparelho que regula e molda o comportamento de Gays na sociedade atual, mais especificamente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, buscando compreender como a sexualidade interfere diretamente na permanência, afiliação e êxito acadêmico de estudantes universitários.

Entradas e saída: os múltiplos armários

Nos grandes centros, os termos do debate e da luta parecem se modificar. A homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) - como uma

⁴ NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. “Ser-sendo professor-pesquisador... Autobiografia, implicações e diversidade”. In: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. *Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais*. Curitiba: Progressiva, 2010, p. 26

condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade etc. O dilema entre "assumir-se" ou "permanecer enrustido" (no armário - closet) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável para a comunidade⁵.

O conceito de “armário” é desenvolvido por Sedgwick, em seu texto “Epistemology of the Closet” que foi traduzido em 2007 para os Cadernos Pagu. Segundo o autor, o armário é um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”⁶. Para Sedgwick, “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas”⁷.

O momento em que se entra no armário, quase nenhum homossexual consegue de fato definir, a grande maioria, já nasce dentro de um, pois, mesmo na gravidez, a família do bebê já começa a tecer as expectativas para com o futuro da criança. As identidades, sejam dos “meninos” ou das “meninas”, já são definidas logo que a criança é concebida. O nome, a cor das roupas, a decoração do quarto, os brinquedos, tudo é comprado segundo mandam as normas de gênero (LOURO, 2008).

Segundo Louro, ao se afirmar que a criança em gestação é um menino ou uma menina, o pai e/ou a mãe estão tomando uma decisão sobre um corpo. A criança, que ainda não nasceu já tem todo um papel heteronormativo de gênero a cumprir. Judith Butler (2003) também destacará o papel que as sociedades como um todo tem na construção das normas que regulam e materializam o sexo dos indivíduos. Para a autora, essas normas regulatórias necessitam ser firmemente reforçadas e iteradas para que essa materialização se concretize de fato. Entretanto, segundo ela, “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”⁸.

Nesse sentido, uma vez que a sexualidade do sujeito é imposta sobre ele desde o seu nascimento e o mesmo acaba não decidindo sobre o sexo que irá ou não assumir, partindo do pressuposto também desenvolvido por Judith Butler (2003) que até mesmo o sexo é um

⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1 ed.; 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 32.

⁶ SEDGWICK, Eve. “A Epistemologia do Armário”. In: *Cadernos Pagu*, 2007.

⁷ SEDGWICK, 2007.

⁸ BUTLER, Judith. “Sujeitos do Sexo/Gênero/Desejo”; “Atos Corporais Performativos”. In: *Problemas de Gênero*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, pp. 17-60; pp. 185-201

construto social, as normas que regulam a sociedade e que sempre reiteram de forma compulsória a heterossexualidade, acabam abrindo possibilidades que faz com que o sujeito *assuma, aproprie e materialize* a sua sexualidade, produzindo assim corpos que não se ajustam a norma heterossexual imposta. Para Louro (2008), “Esses serão constituídos como sujeitos "abjetos" - aqueles que escapam da norma”⁹.

A partir dessa perspectiva, sair do armário é escapar à norma, e como escapar à norma é contrariar a lógica machista, heterossexista e heteronormativa que rege a nossa sociedade, voltar para o armário muitas vezes é o melhor, se não a única possibilidade de caminho a se seguir. A oposição do público e do privado, utilizada por autoras feministas para opressão feminina, trabalhada por Michele Zimablist Rosaldo (1979) em seu texto “A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma revisão teórica”, pode muito bem ser transposta para o jogo do armário. Esse é um espaço em que a homossexualidade, ou qualquer prática que transgrida a norma e seja realizada *pelos corpos abjetos*, deve obrigatoriamente permanecer privada, trancada no armário, sem espaço para ser publicizada.

Os homens, que nasceram para ser fortes, para trabalhar e sustentar a casa, para ser o exemplo de virilidade e força, quando descoberto homossexual, deve obrigatoriamente migrar do espaço público para o privado. As mulheres, que foram educadas para cuidar da casa, casar, ter filhos e cuidá-los, quando invertem a ordem, as travestis, transexuais e transgênero como um todo, devem trancafiar sua sexualidade naquilo que Sedgwick chamará de armário.

Grande parte da energia de atenção e demarcação que girou em torno de questões relativas à homossexualidade desde o final do século XIX, na Europa e nos EUA, foi impulsionada pela relação distintivamente indicativa entre homossexualidade e mapeamentos mais amplos do segredo e da revelação, do privado e do público, que eram e são criticamente problemáticos para as estruturas econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista como um todo¹⁰.

Ao analisar minha autobiografia, consigo perceber os diversos momentos em que após ter saído do armário, tive que retornar. Na verdade, a saída do armário ainda não aconteceu por completo em minha vida, ainda hoje vivo, não mais no trânsito, mas na privatização e ocultação dos meus desejos. Todas as vezes que volto para a casa da minha família, a minha sexualidade é guardada no armário.

⁹ LOURO, 2008.

¹⁰ SEDWICK, 2007. p. 26.

Entretanto, para além da relação com minha família, quais as possibilidades de sair livremente desse armário ainda não se configuram para mim, como algo viável, as minhas relações nos espaços em que já me “assumi”, ou em outras palavras, já saí do armário, ainda são marcadamente uma relação de trânsito, onde a minha sexualidade ainda está sobreposta na dicotomia público x privado, ou naquilo que Rosaldo (1979) vai chamar de laços domésticos e laços extra domésticos.

Segundo Rosaldo (1979), nessa lógica, tudo aquilo que é tido como feminino deveria ficar restrito a espaços privados, sendo o campo do público um lugar sumariamente masculino. Como os sentimentos e emoções, as demonstrações de afetos e as questões que rodeiam a afetividade sempre foram associadas como coisa de mulher, não fica tão difícil assim supor porque há por parte da universidade, uma negligência da afetividade-amorosa no desenvolvimento da vida acadêmica do estudante.

Em minha atual residência, com os meus amigos, nos espaços de lazer e descontração, ou em outras palavras nos espaços privados da minha existência, eu sou assumidamente Homossexual, entretanto, nos espaços acadêmicos, no trabalho, no estágio, nas relações profissionais/acadêmicas, nos espaços públicos, para ser respeitado a minha sexualidade tem que novamente ser trancafiada nos armários. Será que isto é realmente necessário para ser respeitado? E muito mais especificamente, será que existem condições reais de permanência e afiliação universitária, quando a vivência na universidade é pautada no trânsito entre estar ou não estar no armário?

É imprescindível que, principalmente ao que tange às afetividades não-normatizadas, se trabalhe com o conceito de *armário* desenvolvido por Sedwick (2007), para que se compreenda porque elas são tão naturalmente esquecidas pela universidade na gestão de políticas e na formação dos estudantes. Para Sedwick, o armário é um dispositivo que regula a vida dos gays, e controla justamente a exposição da sexualidade em lugares tidos como públicos, contribuindo para que essa manifestação aconteça somente nos aspectos da vida privada. Estar no armário, ou compactuar com essa estada, reforça a opressão as sexualidades não normatizadas e contribui para a manutenção da heteronormatividade.

Nesse aspecto, quando se tende a separar a afetividade dos processos cognitivos, desconsidera-se a enorme importância que os atos afetivos tem na vida humana. Em uma análise mais criteriosa, refletindo acerca das contribuições dadas por Sedwick e Rosaldo (1979), se compreendermos a naturalidade e normalidade imposta pelas relações

heterossexuais, compreenderemos também, que desconsiderar os aspectos afetivos, é mais drasticamente, não possibilitar que novas afetividades se manifestem, já que as tidas como norma, já estão naturalmente manifestadas.

Entretanto, como salienta Urpia & Sampaio (2011), não há como pensar na permanência, sem a compreensão simultânea de que a entrada no ensino superior está coincidente com a transição do jovem para a vida adulta, e a sua conseqüente a afloração da expressão de suas afetividades-amorosas, assim como a vivência e despertar das sexualidades. Ignorar esse fator quando se pensa as políticas afirmativas, formativas e de gestão universitária, é assim como salienta Santos (2009) uma tática nociva, que garante a estigmatização de minorias e a superioridade social dos estabelecidos no poder.

Ser um homossexual na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Nos últimos anos, o Brasil vem passando por uma série de transformações naquilo que tange as formas de ingresso nas universidades públicas e as políticas de meritocracia escolar. A interiorização das universidades federais, a expansão e democratização da educação superior, e as políticas desenvolvidas pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI, estão mudando a cara da universidade pública, e contribuindo para o acesso desses estudantes ao ensino superior.

Esse processo de democratização e popularização do ensino superior impacta diretamente nas vidas dos negros, pobres e os demais menos abastados do nosso país. A universidade, que sempre foi um espaço de manutenção do *status quo*¹¹ de um determinado grupo social-racial, começa a ser ocupada pelas camadas populares que historicamente foram marginalizadas e privadas do direito a uma educação pública de qualidade.

A universidade começa a criar um novo rosto, um novo perfil, com isso, geram-se novas necessidades, novas preocupações. É preciso, a partir de então, que a universidade se transforme, transforme as suas ações para que possa receber e afiliar esses novos estudantes. Percebamos que os negros e negras, mulheres, gays e os demais estudantes pobres, cotistas, vindos de escolas públicas, marcados socialmente de diversas formas que começam a acessar a universidade, encontram uma universidade branca, elitista, eurocêntrica, machista e homofóbica que não atende a nenhuma de suas necessidades.

¹¹ COULON, Alain. **Condição de Estudante: A Entrada na vida Universitária**. Salvador: EDUFUBA, 2008

Para desenvolver essa reflexão, pautarei, assim como em todo o decorrer do texto as minhas experiências autobiografadas. Após todo esse processo, de universalização, democratização e popularização das universidades descritas acima, eu, um estudante de escola pública, de família de classe média, gay, consigo acessar o ensino superior. Friso, que talvez, caso não fosse a interiorização das universidades, seria pouco provável que eu conseguisse acessar a Universidade Federal da Bahia, que durante 60 anos de consolidou como uma a única universidade federal do estado. Entretanto, ao acessar a UFRB, eu mais uma vez tenho que voltar para dentro do meu armário.

Selma Reis Magalhães (2010), ao falar sobre o enraizamento da heteronormatividade em nossa sociedade, diz que as instituições educacionais, não apenas refletem como reproduzem uma cadeia de masculinidades e feminilidades que além de hierárquicas, pautam-se no modelo de comportamento heterossexual. Esse enquadramento dentro desses padrões normativos contribuem para que as pessoas enquadrem-se nele, e passem a acreditar que tudo que é natural é construído a partir dali.

Ainda segundo Magalhães, essa dificuldade em visualizar a problemática da heteronormatividade e da homofobia nas instituições educacionais “*reside no limite que os próprios não-heterossexuais têm em desnaturalizar ou desconstruir as categorias tradicionais das identidades sexuais e de gênero que definem os lugares na sociedade*”¹².

Nesse sentido, o enraizamento dos papéis sociais está tão consolidado e legitimado por essas instituições, que a conformidade com o lugar de subalternidade aparece quase como naturalmente, não possibilitando assim que esses sujeitos identifiquem ou compreendam a primeira vista, que esses fatores interferem em sua permanência.

Para exemplificar o que digo, gostaria de citar o curso de História da UFRB. Em seu quadro de professores, segundo dados disponíveis no site oficial da universidade, dos 21 professores do colegiado, apenas quatro são mulheres, delas duas são negras e todos são heterossexuais. Notadamente a maioria dos estudantes do curso são mulheres, a universidade como um todo, segundo dados da PROPAAE de 2011, tem maioria feminina.

Cerca de 59% dos estudantes matriculados na UFRB são do sexo feminino. Entretanto, fazendo uma breve olhada nos editais de resultados dos programas de mestrado de história da

¹² MAGALHÃES, Selma Reis, Homossexualidade na escola: de onde parte a discriminação? In: MESSEDER, Suely Aldir, and Marco Antônio Matos Martins, eds. *Enlaçando sexualidades*. EDUNEB-Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2010. p. 180.

região, a grande maioria dos aprovados são os homens. O programa curricular, as disciplinas oferecidas, nenhuma, ou quase nenhum abarcam as discussões de gênero e sexualidade, ou mesmo tratam da História e participação das mulheres, mesmo as ementas dos cursos, é grande a maioria de autores homens.

Tais reflexões podem tranquilamente serem estendidas para outros cursos da universidade. Esse machismo, escondido nas entrelinhas dos programas, do corpo docente, contribuem na criação de um currículo oculto, que tende a dizer que esse ainda não é o lugar da mulher, muito menos das populações não-heterossexuais. O ingresso desses sujeitos na universidade, ainda está tão oculto e a diversidade sexual ainda é algo tão pouco considerado, que nas pesquisas sobre o perfil dos estudantes da UFRB não existe nenhuma referência às identidades sexuais dos indivíduos.

Segundo Givigi e Oliveira (2013) isso se dá, porque a universidade, através de seus currículos, projetos político-pedagógicos, normativas e práticas pedagógicas, atua na produção de microfascismos que legitimam as normas sexuais, criando sujeitos autorizados e legitimados a enunciar o lugar dos corpos e as verdades de gênero e sexualidade dos sujeitos.

Assim também pensam Dornelles e Meyer (2013) ao dizerem que os espaços educativos promovem uma educação dos corpos e das sexualidades. De acordo com Meyer (2009) esses espaços constroem “estratégias educativas sutis, refinadas e naturalizadas, exaustivamente repetidas e atualizadas, que quase sempre não percebemos como sendo produtores de corpos de determinados tipos”¹³.

Hoje, mesmo dentro dessa conjuntura de democratização da universidade, é extremamente difícil ser preta, mulher e/ou homossexual na UFRB. Verificando os números dos programas de permanência qualificada - PPQ da UFRB em 2010, são apenas 6 beneficiados com o auxílio creches da universidade, em contrapartida 167 é o número de beneficiados do auxílio residência. Considerando a proibição de ficar grávida, ou morar com seu filho na residência universitária e somando outros fatores, provavelmente a grande maioria dos beneficiados com auxílio à residência são homens.

Essas questões aqui colocadas contribuem para a não permanência de mulheres e homossexuais na universidade. Voltando à minha trajetória, eu fui/sou bolsista do PPQ, no

¹³ MEYER, Dogmar Estermann; DORNELES, Priscila Gomes. “Corpos, Gêneros e Sexualidades na escola: cenas contemporâneas, políticas emergentes e teorias potenciais”. In: GIVIGI, Ana Cristina Nascimento et al. *O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade*, 2013.

processo de seleção, são levando em consideração diversos marcadores sociais, como por exemplo a origem popular, o ingresso pelas cotas, declarar-se negro, ser oriundo de escola pública, não trabalhar, ter renda de até 1 salário mínimo, entretanto, em nenhum momento da minha seleção os meus marcadores de gênero foram considerados.

Entretanto, as condições de permanência de um homem negro na universidade, é extremamente diferente de uma mulher negra, mãe, ou mesmo de um homossexual negro assumido que foi expulso de casa. As condições de permanência de uma mãe que trabalha o dia inteiro e vai à universidade à noite são muito diferentes de uma mulher que não trabalha e é sustentada pelos pais. As condições de permanência de um homossexual em situação de vulnerabilidade social são muito mais complicadas de que de um heterossexual branco.

É como salienta Virginia Wolf (1929) em seu texto *Um teto todo seu* e Bell Hooks (1985) no texto “Intelectuais Negras”, as duas, mesmo fazendo abordagens distintas, tratam em suas obras das condições para a produção intelectual dos sujeitos. Virginia Wolf diz que para que a mulher consiga escrever, ela necessariamente vai precisar de dinheiro e de um teto só seu, por outro lado, Bell Hooks coloca, que para as mulheres negras, apenas um teto e dinheiro não é suficiente, já que existem vários outros fatores que interferem diretamente na condição de produção intelectual, inclusive o próprio conceito de “intelectual” que é formulado a partir de uma perspectiva branca.

Unindo as duas reflexões e as transpondo para o que estou a concluir, as mulheres, negras, mães, os homossexuais e demais populações não-heterossexuais, para permanecer na universidade, precisariam tanto de dinheiro e de um teto pra si, como defende Virginia Wolf, como também, condições sociais e formativas para o desenvolvimento da sua intelectualidade. Afinal, pouco adiantaria para esses sujeitos terem a permanência financeira, mas não obterem a permanência psicológica nem conseguirem se afiliar a esse espaço.

Para além de oferecer as condições da permanência financeira a esses sujeitos, a universidade precisa afiliar estes estudantes à universidade. Segundo Coulon (2008), a afiliação acadêmica seria a maneira em que a universidade encontraria de receber esse estudante e de afilia-lo ao seu seio.

Eu entendo por afiliação o método através do qual alguém adquire um status social novo. O estudante deve mostrar seu *savor-faire* na medida em que ele é uma condição de sucesso. Ter sucesso significa que fomos reconhecidos como socialmente competentes, que os saberes adquiridos foram legitimados.¹⁴

¹⁴ COULON, 2008, p. 32.

Entretanto, para que essa afiliação de fato aconteça, esses estudantes precisam não só serem respeitados, como suas diferenças precisam ser pautadas nos seus processos formativos. Aqui, penso que as reflexões feitas por Bell Hocks (1985), se encaixam perfeitamente com o que seria a afiliação acadêmica de estudantes negros, mulheres e homossexuais. Pois, segundo Hocks (1985), além do dinheiro e do teto físico, esses sujeitos enfrentam um modelo burguês e branco de atividade intelectual e acadêmica.

Retornando a minha formação, eu sinto, que todas às vezes que entro na sala de aula, eu tenho que novamente entrar em um armário. Assim como, muitas das minhas colegas mulheres, para serem ouvidas e respeitadas na sala precisam adotar posturas não femininas. Assim como disse Bell Hocks (1985), sobre a produção intelectual acadêmica negra, a capacidade das mulheres, lésbicas, travestis e homossexuais como um todo estarão sempre sendo contestadas e desrespeitadas. Essas mulheres, ou esses corpos abjetos, que contrariam a normatização imposta e saíram dos lugares sociais que para eles foram projetados, quando alçam o campo do público, tem que colocar as suas identidades nos armários para lá permanecer e ser respeitados. Mas especificamente no caso dos homossexuais, o respeito, muitas das vezes só é garantido quando a sua identidade sexual está ocultada.

Isso se acentuaria ainda mais, caso analisássemos a presença das travestis, transexuais e transgêneros dentro das universidades. Não adentrarei a esse tópico, porque dentro da minha trajetória na UFRB, assim como dentro de toda a minha trajetória de formação não conheci nenhum sujeito trans. Entretanto, gostaria apenas de pontuar, que para esses indivíduos, não só o Ensino Superior é negado, como a educação como um todo.

A estrutura educacional que temos hoje, que segundo Louro (2008) é tradicionalmente o lugar da normatização, do ajustamento, altamente voltado ao disciplinamento, a moral e as regras e não tem espaço para os sujeitos que transgridem radicalmente a norma posta sobre os nossos corpos e sobre a sua utilização. Converte-se, assim, para que os sujeitos trans sejam totalmente privados do direito à educação.

Considerações finais.

Possibilitar a vivência da sexualidade no ambiente universitário, sem acarretar aos sujeitos situações de opressão, é contribuir para que a permanência e a afiliação acadêmica

possa se efetivar por completo. Eliminar as diferenças de gênero e sexualidade do espaço acadêmico é, segundo Givigi e Oliveira (2013), “Aquendar a universidade” e “aquendar a forma de produção política e acadêmica”.

Pois, infelizmente, ainda nos dia de hoje o armário continua a moldar os comportamentos e a definir os papéis sexuais que os sujeitos devem adotar em sua conduta social. Mesmo com todos os avanços que os movimentos LGBT’s vem conquistando ao longo do tempo, a regulação das práticas sociais e a dicotomia do público e do privado continuam a ser instituições definidoras de identidades nas escolas, no trabalho, nas ruas, na sociedade como um todo.

Assim como salientaram Skliar e Düschatzky (2001), o acesso e permanência do diferente nos espaços normativos, não devem estar atrelados a uma política de tolerância, nem simplesmente a uma questão de respeito as diferenças, mas sim de qualificação, de desnormatização e desconstrução das sexualidades e gêneros compulsórios dominantes, de transformação desses espaços em um lugar de afirmação dos direitos sexuais e de combate a qualquer manifestação de machismo, homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, é possibilitar, segundo Passos e Santos (2013) que as assimetrias de poder conferidas as diversas masculinidades e feminilidades não regulem os processos de homosociabilização.

Rememorar a minha história de vida, e refletir acerca de como as relações sociais e afetivas, minhas e dos meus pares foram/continuam sendo marcadas e definidas pela heteronormatividade; rememorar como o armário atuou/atua no processo de formação da minha identidade, e como a minha identidade sexual é fator decisivo nas minhas condições de acesso e permanência na universidade e demais espaço sociais, me faz perceber o quanto ainda é preciso desconstruir e reconstruir, o quanto é necessária “a constante reiteração das normas sociais regulatórias a fim de garantir a identidade sexual legitimada”¹⁵

¹⁵ LOURO, 2008, p. 49.

Referências:

Anais de eventos:

MISKOLCI, Richard. Teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., Campinas, 2007. Disponível em: Acesso em: 9 jul. 2014.

Artigo em periódico:

BUTLER, Judith. Sujeitos do Sexo/Gênero/Desejo (17-60); Atos Corporais Performativos. In: *Problemas de Gênero*. RJ: Civilização Brasileira, 2003. p. 185-201.

CASTRO, Mary Garcia. Alquimia de categorias na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre os líderes do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos em Salvador. Revista *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n.º 0, 1992. Disponível em <http://www.scielo.br>

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. In *Estudos Feministas*, vol3, n.2, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br>

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, 20/2, 1995, pp.71-99.

SEDWICK, Eve. A Epistemologia do Armário. In: *Cadernos Pagu*, 2007.

Capítulos de Livro:

DORNELLES, Priscila Gomes. Um Corpo “encurralado” na escola: gênero, sexualidade e educação do campo. In: Givigi, Ana Cristina Nascimento, et al. *O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. p. 131 -148.

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento. OLIVEIRA, Camila Silva de. Aquenda! Universidade: o Recôncavo baiano sai do armário. In: Givigi, Ana Cristina Nascimento, et al. *O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. p. 13 - 29.

MAGALHÃES, Selma Reis. Homossexualidade na escola: de onde parte a discriminação? In: MESSEDER, Suely Aldir, and Marco Antônio Matos Martins, eds. *Enlaçando*

- sexualidades*. Salvador: EDUNEB-Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2010. p. 169 – 188.
- MEYER, Dogmar Estermann. DORNELES, Priscila Gomes. *Corpos, Gêneros e Sexualidades na escola: cenas contemporâneas, políticas emergentes e teorias potenciais*. In: Givigi, Ana Cristina Nascimento, et al. *O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. p. 21-52.
- ROSALDO, Michele. *A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma revisão teórica (33-64)*. In: ROSALDO e LAMPHERE (org.) *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Editora Paz e Terra, 1979.
- SACKS, Karen. *Engels revisitado: a mulher, a organização da produção e a propriedade privada*. In ROSALDO e LAMPHERE (org.) *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Editora Paz e Terra, 1979.
- URPIA, Ana Maria de Oliveira. SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. *MÃES UNIVERSITÁRIAS: transitando para vida adulta*. In: *Observatório da vida estudantil. Primeiros Estudos*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 143-168.

Livros:

- COULON, Alain. *A Condição de Estudante: A Entrada na vida Universitária*. Salvador: EDUFUBA, 2008, 278p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1 ed.; 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. *Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais*. Curitiba: Progressiva, 2010, 338p.
- ROMERO, Tania Regina de Souza. *Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo*. Campinas, SP: Pontes, 2010. 348p.
- WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.